

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2023



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Revisão Editorial | Copy-Editing

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Investigadores História Antiga | Ancient History Researchers

Bruno Marques dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), João Paulo Galhano (Universidade de Lisboa), Maria Ana Vaidez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Bristol), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Treballe (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico), Sandra Boehringer (Université de Strasbourg).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), , Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Marta Pacheco Pinto (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Vasileios Balaskas (University of Malaga).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual



ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15.00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to the Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 "INFERIOR PERO INDISPENSABLE, TEMIDA PERO TAMBIÉN, (...), DESEADA, E INCLUSO AMADA."
El peligro de lo femenino en la creación y consolidación de la comunidad de dioses y hombres
The danger of the Feminine in the creation and consolidation of the community of Gods and Men
Núria Llagüerri Pubill & Carmen Morenilla Talens
- 39 DESFAZENDO O TECIDO DE PENÉLOPE:
Cultura material, pesos de tear e a questão de gênero
*UNDOING PENELOPE'S FABRIC:
Material culture, loom weights and gender studies*
Arianna Esposito & Airton Pollini

61 ESTUDOS

ARTICLES

- 63 A ASCENSÃO E QUEDA DE UMA PRINCESA BABILÓNICA NO SÉCULO XIV A.C.:
Tawananna, de rainha a proscrita do Hatti
*THE RISE AND FALL OF A BABYLONIAN PRINCESS IN THE 14TH CENTURY BCE:
Tawananna, from queen to outcast of the Hatti*
Ana Satiro & Isabel Gomes de Almeida
- 83 VISÕES OITOCENTISTAS PORTUGUESAS SOBRE O ANTIGO EGÍPTO
NINETEENTH-CENTURY PORTUGUESE PERSPECTIVES ON ANCIENT EGYPT
João Paulo Simões Valério
- 109 REFLEXOS DE UMA CIVILIZAÇÃO:
Representações do Mundo Helénico em Espelhos Etruscos
*REFLECTIONS OF A CIVILIZATION:
Representations of the Hellenic World in Etruscan Mirrors*
Catarina dos Santos Madeira

129 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

155 RECENSÕES

REVIEWS

269 IN MEMORIAM

279 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



RECENSÕES
REVIEWS

entre viajantes, tatuagens e tiranos? É o facto de estes três conceitos implicarem diferenças culturais relativamente às culturas sob análise? Se as tatuagens, aos olhos dos cidadãos gregos significavam algo bárbaro, será que estes aceitaram um hóspede com tatuagens? E se recusassem, não estariam a infringir as leis da hospitalidade da Antiguidade Clássica?

São algumas questões que a leitura do livro de Mayor nos suscita.

Inês Sebastião

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

ADRIENNE MAYOR (2022), *Greek Fire, Poison Arrows, and Scorpion Bombs: Unconventional Warfare in the Ancient World*. Princeton University Press, 432 pp, ISBN 9780691217819 (\$80.00)

A obra de Adrienne Mayor, *Greek Fire, Poison Arrows, and Scorpion Bombs: Unconventional Warfare in the Ancient World*, foi primeiramente publicada no ano de 2003, pela Abrams Press, e reeditada no ano de 2022, pela Princeton University Press. A A. começou a actualizar e a rever a sua obra no início da pandemia e confinamento de 2020. Nesta obra, Mayor compara o medo da pandemia “Coronavírus” com o que foi provocado pelas pestes que assolaram Atenas em 430 a.C., durante a Guerra do Peloponeso. Assim como os Atenienses culpavam os Espartanos pela peste de 430, também o mundo ocidental culpou a República Popular da China pela pandemia de 2019-20.

A primeira edição, publicada em 2003, surgiu durante um período de crise, sendo publicada durante a guerra entre os Estados Unidos e o Iraque, após os atentados de 11 de setembro de 2001. Na posse desta informação, que Mayor disponibiliza no prefácio do livro (pp. ix-xxvii), o leitor consegue compreender que a obra tem como finalidade comparar processos da Antiguidade com outros do período contemporâneo, e realçar que as duas épocas não são tão diferentes quanto aparentam.

A obra está dividida em sete capítulos. No prefácio, informa-se o leitor do tipo de armamento que pode ser utilizado num campo de batalha, como projéteis tóxicos, armas bioquímicas e as regras de ética no combate (pp. ix-xxvii). Fornece-se ainda uma linha cronológica para contextualizar o leitor (pp. xxix-xxxvi), mapas (pp. xxxvii-xl) e um *afterword* como conclusão da obra (pp. 277-88).

A Introdução, «War outside the rules» (pp. 1-24), salienta que o objectivo do livro é a relevância das evidências de utilização de armas bioquímicas e químicas, na Antiguidade. Mayor faz questão de referir que em cada capítulo da sua obra são apresentadas descobertas e desenvolvimentos tecnocientíficos contemporâneos, comparando as suas semelhanças com o armamento da Antiguidade. A introdução permite aos leitores começar a tecer comparações entre as armas de guerra da Antiguidade e as armas de guerra Contemporâneas.

No primeiro capítulo, «Heracles and the Hydra: The Invention of Biological Weapons» (pp. 25-50), a A. defende que Hércules terá sido o primeiro herói a criar e a utilizar uma arma biológica: as pontas de seta banhadas com o veneno da Hidra. Este mito aparenta apontar para a ideia de que os gregos antigos já tinham conhecimento da existência de substâncias tóxicas em certos ser vivos, neste caso as serpentes. No entanto, seguindo os princípios de guerra da Antiguidade Clássica, o uso de armas envenenadas ia contra os princípios da coragem individual e de trabalho de grupo

de um exército. Mayor sustenta a teoria de que os mitos transmitiam ensinamentos valiosos para os gregos e/ou romanos, dos quais poderiam extrair benefícios para a sua vida diária, incluindo a esfera militar, como evidenciado neste caso específico. De igual modo, os mitos clássicos ajudam os classicistas a compreender como os Gregos e Romanos antigos pensavam sobre as armas biológicas e químicas e a aplicação de questões éticas sobre o uso deste tipo de armamento. Como referido, o exemplo do mito de Hércules e a Hidra nada mais é, na perspectiva de Mayor, do que uma versão poética de um facto histórico: a invenção do uso de setas venenosas.

Continuando na mesma linha de raciocínio, o segundo capítulo, intitulado «Arrows of Doom» (pp. 51-92), aborda a disseminação de venenos como armas de guerra, destacando o seu carácter bioquímico. Note-se que as primeiras setas a serem assim utilizadas foram molhadas em veneno de cobra e depois usadas para caça; só depois terão sido aplicadas nos campos de batalha. Numa caçada, a toxina teria que ser rápida e letal, enquanto na guerra, o veneno era seleccionado para infligir uma morte horrível, ou uma ferida incapaz de ser curada, causando um trauma físico e psicológico. Além do veneno de cobra, era também usado acónito, uma planta comum na geografia grega, cujo veneno causava paralisia do sistema nervoso e vômitos. Mayor, neste capítulo, teve o cuidado de descrever várias das plantas venenosas usadas na Antiguidade Clássica e os seus sintomas. São igualmente introduzidas neste capítulo, outras geografias da Antiguidade, como a China, a Mesopotâmia e a Mongólia, que usavam venenos e toxinas nas batalhas. Mayor destaca como a Índia Antiga era um território praticamente desconhecido para os Gregos, celebrada pelas suas drogas, plantas e répteis venenosos. Daí que, nas campanhas militares de Alexandre, muitas das suas tropas tenham sido vítimas da fauna e flora indianas. Tais baixas permitiram aos romanos, como Plínio-o-Velho, criar tentativas de desenvolvimento de resistências para venenos e toxinas. Acreditava-se, por exemplo, que ao ingerir o veneno em pequenas quantidades o corpo criava imunidade contra toxinas.

O terceiro capítulo, «Poison Waters, Deadly Vapors» (pp. 93-118), como sugere o título, aborda o uso da água como arma de guerra. Basicamente, tratava-se de cortar o fornecimento de água do inimigo ou envenenar os tanques de abastecimento durante um cerco. Contaminar a água e a vegetação durante a rota de marcha do inimigo era um estratagema de guerra conhecido já na Índia Antiga.

No quarto capítulo, «A Casket of Plague in the Temple of Babylon» (pp. 119-50), Mayor aborda o uso de doenças e pestes como armas bioquímicas em período de guerra. Gregos e Romanos desenterravam cadáveres ou usavam pessoas doentes para contaminar cidades às quais montavam cerco. Durante estes períodos de guerra de cerco surgiram as primeiras pandemias. A A. refere igualmente pestes registadas ao longo da História, como a peste de Atenas, em 430 a.C.; as mitificadas Dez Pragas do Egipto, que nada mais seriam do que uma série de calamidades naturais; e a Peste de Babilónia, c. 165-80 a.C., pandemia provocada pela campanha romana contra a Mesopotâmia para conquistar a Ásia central.

O capítulo quinto, «Sweet Sabotage» (pp. 151-78), relata o uso de alimentos, em especial o mel, para intoxicar tropas invasoras, fazendo-se deste alimento uma arma biológica. O uso de comida e bebida envenenada era uma forma de o exército criar vantagem sobre o seu inimigo ao causar-lhe sede e fome, ou até mesmo intoxicações alimentares.

O sexto capítulo, «Animal Allies» (pp. 179-220), refere o uso de animais como armas biológicas no campo de batalha: ratazanas, transmissoras de doenças; as “bombas de abelhas”, consideradas os primeiros projéteis militares registados já no Período Neolítico; e os elefantes de guerra, conhecidos como torres de assalto nos ataques de cerco, durante as campanhas militares de Aníbal, como a da invasão a Itália no ano 280 a.C.. O uso de animais no campo de batalha poderia ser aplicado para criar no inimigo a ilusão de que o exército atacante era mais numeroso. Assim teria feito Alexandre, ao atar ramos de árvores nas caudas de ovelhas, para estas levantarem pó e dar a entender ao inimigo que o seu exército era composto por um número imenso de soldados.

O capítulo sete, chamado «Infernal Fire» (pp. 221-76), embora seja possivelmente a parte mais complexa do livro, proporciona aos leitores uma visão visual das estratégias de guerra baseadas no uso do fogo. Apesar de as flechas de fogo terem sido uma invenção assíria do séc. IX a.C., esta foi a arma de guerra mais adaptada ao longo da história militar. As armas de fogo eram usadas exclusivamente para alvos a longa distância, como paredes de madeira e barcos. Assim aconteceu no Cerco de Siracusa c. 212 a.C., por exemplo. A *naphtha* era a substância já utilizada para alimentar o fogo, tratando-se de um elemento volátil e inflamável. Para os gregos, era também uma maravilha exótica, pois podia ser usada para destruir armas de cerco, queimar pessoas vivas e causar extremo sofrimento e ferimentos que durassem para sempre. Este elemento foi um de muitos outros componentes para a criação do tão conhecido Fogo Grego.

Em suma, *Greek Fire, Poison Arrows and Scorpion Bombs* é uma obra que analisa o uso de armas bioquímicas em campos de batalha. O objetivo ao desenvolver essas armas sempre foi provocar uma ameaça psicológica intensa, causar mortes agonizantes e destruição. Ao comparar o uso das armas criadas no período da Antiguidade Clássica com o uso de armas do mundo contemporâneo, Mayor faz uma reflexão sobre como o Homem parece desde sempre ignorar ou desprezar as implicações que as armas de cariz biológico, químico e de fogo têm na guerra.

Inês Sebastião

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

DANIEL OGDEN (2021), *The Werewolf in the Ancient World*. Oxford, Oxford University Press. 289 pp. ISBN: 978-0-19-885431-9 (£27.49).

Daniel Ogden é uma referência inevitável para quem pretenda estudar o sobrenatural no Mundo Antigo. De entre volumes por ele publicados, destacam-se os que abordam magia, necromancia, as figuras da bruxa, do fantasma e do dragão. É precisamente em *Magic, Witchcraft and Ghosts in the Greek and Roman Worlds* que Ogden faz os seus primeiros comentários a passos de autores clássicos sobre lobisomens. Incentivado pelos alunos, dedica um livro ao tema e assim nasce *The Werewolf in the Ancient World*.

Certamente ocorrer-nos-á a bizarra história partilhada durante a ceia de Trimalquião, sobre um soldado que se transforma em lobo, é golpeado e descoberto mais tarde na sua forma humana, prostrado junto a um médico que se ocupa do ferimento. O *Satyricon* guarda o relato mais célebre



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

CH
-UL

CENTRO DE
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA